

N.º 6—Anno VIII

# A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 19 de nov. de 1899.

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno. 40

## CONSELHEIRO NOVAES LEITE

Alto, de hombros largos, tez algo morena, ista ampla, olhar suave e prescrutador, typo sorridente, deve-as sympathico;

—Vestindo com simplicidade, mas sempre com um ar de frescura, de elegancia natural;

—Character solidificado em transes, em situações difíceis da vida particular e publica, vivido por um coração e uma alma, activamente promissos ao bem, sem tentação e esparafato;

—Espirito d'uma flexão aturada e cativa. avessa a anormalidades chinins;

O conselheiro Manoel Ignacio de Amorim Novaes Leite é uma individualidade que se os impõe á admiração e ao respeito, por um *quid* privilegio, que sente e não se exprime.

Sem uma feição politica retintamente partidaria, porque o que elle é—sobretudo—é um patriota a valer, consola-nos os grandes accommetimentos e verbera tudo aquilo que—venha de onde vier—se não desça em utilidades praticas, de relativo bem star.

Observa-lo o nosso retrato como homem publico—a lministrador do conselho ou encar-

regado da chefia de districtos—vemol-o obrar nos actos de harmonia com as convicções, nunca dando de mão n'uma coração nem ao espirito.

Apresentando-se como lavrador, salienta-se-nos, tirando—producto de longo estudo e aturado trabalho—dez por cento na agricultura, provando, com esse irrefutavel argumento, que os progressos obtidos na sua quinta de Durrães—freguezia d'onde é natural—são bem para exemplo e estimulo dos *banalarios intelljentes*, que, presos á rotina tradicional, não querem procurar saber que a agricultura, sem sciencia e bem applicada, é um mytho.

Póde dizer-se, sem reboço, que não só n'este concelho, mas até no norte do paiz, o conselheiro Novaes Leite foi—digamol-o assim—o S. João Baptista, o precursor das innovações vinhaieiras, com *sole me e a gusto* desprezo dos que hoje... o imitam no proceder utilitario.

A sua propriedade é uma escola.

Não se lhe notando os luxos espalhafatosos dos macalims e calcetas, das columnatas de ferro e de pedra, apilaradas, porque ella está agriculada sob os pontos de vista—*commundo e lucrativo*.

Adaptados á terra conveniente, no amos



## A LAGRIMA

o fino cuidado, com que estão plantadas as laranjeiras e os limoeiros, as oliveiras e os castanheiros.

Muitos annos antes que em Barcellos se applicasse—mediante o *jornal* de 500 réis e *de comer*—os saes cupricos no tratamento da vinha, já o nosso apresentado, ás vezes debaixo dos ardores do sol, educava mulheres n'esse serviço, mediante remuneração economica e equitativa.

... Era um regalo vêr como elle—o bacharel—praticava, aturadamente, a sulphatação, para melhor exemplo educativo do pessoal, que commandava.

Merecendo-lhe a feitura do vinho verde um cuidado especial, tem feito d'esta bebida boa e hygienica, um *phalerno* igual, quem sabe... áquelle de que nos falla Xenophonte. Cór, alcool, corpo, aroma e gaz!

Conhecendo de *visu* os principaes centros vinhateiros do paiz, sabe, tambem, fazer multiplos typos de poda.

Conversador modesto, bem humorado, bonhomico, revela-se n'ella um sabedor.

Tendo temperamento d'artista, faz converter a sua residencia, irregularmente catita, n'um expositorio de suas variadas aptidões, desde os trabalhos á serra mechanica até ás confeções rusticas, para ornatos de *interior* e de *jardi n.*

Os quadros, a louça antiga da China, do Japão, de Vianna; os productos ceramicos de Bordallo—são dependurados, sem obedecer a essa banal simetria monotona, mas com o fino gosto de homem distinto e culto.

O asseio e a hygiene, não passam despercebidos, estão em *fôco*, na sentina e na cosinha, nas adegas e nas côrtes, por toda a parte.

\*

Um dia, leitor, que tu saias no apeadeiro de Durrães—feito a expensas suas e de alguns amigos—e possas entrar, perto, na casa do conselheiro Novaes Leite, fal-o, porque—desde a belleza impressiva do jardim de entrada, animado com um possante jacto de agua, cheio de grande variedade de trepadeiras, de arbustos e de flores, até o caramanchão de soveiro, pousado com esbelteza n'uma oliveira—encontras, percorrendo tudo, o *homem*, cuja photogravura honra a «Lagrima».

Bate-lhe á porta para ouvires o seu conselho, para te obsequiar, para fazer um sacrificio por ti—não és, necessariamente, o primeiro, e muito menos serás o ultimo—; porém leva sempre em mira o seguinte—se queres ser servido—«a tua pretensão não deve, realisada, prejudicar o teu semelhante!»

*Neminem laete*—é a divisa que melhor quadra á sua linha patricia e á sua educação, moral e scientifica, de um *jurista* de boa escola.

*N. Soucasaux.*

## O S. Martinho

(Plagio...)

Os vendeiros e a humanidade bebente celebraram conclave, entenderam (e perfeitamente!) que pelos 11 dias do mez corrente já o vinho novo e os magustos eram da moda, sympathisaram com S. Martinho e elegeram-n'o deputado da confraria numerosa.

Political Vão lá livrar-se d'uma d'estas! O santo protesta e torna a protestar, mas os bebados teimam e tornam a teimar, e com gente encoivada não se tira partido nem se colhe victoria.

Podera.

Tirar o *talho* a uma garrafeira, destampar os pipos e metter o nariz no buraco, para receber as exhalações espirituosas do rascante, convidar amigos para suas casas ou levar-os á taberna, para lucro dos vendeiros e engrandecimento da agricultura nacional, eis o que se pretende.

AQUI HA VÃO BINHO, escarrapacha-se nas soleiras dos tascos, em letras de olho de vacca, escriptas em papelão branco.

A atmosphera de sabbado está pesada, e nevoenta.

Os templos de Bacchus, enfeitados com loureiro, principiam por ter uma animação desusada, desde o Meira ao Feliciano.

Uma sucia de borrachos empina na Bagoeira alentada malga, enodoada dos beiços untosos, vermelhos como malagueta.

A' falta de S. Martinho, ha em algumas vendas o Santo Antonio, alumiado com uma lamparina constipada, espirrenta.

Uma bateria de côpos enfileira-se nos balcões, principiando pelos de meio quartilho e terminando nos de canada—*surrentos*, baços.

Canecas de varios gostos e feitios, sem esmalte, cheias de *sudro*; vasilhas de todos os tamanhos e typos, enfim, até o garrafão de palha carunchosa.

Barris ha-os em tão grande escala que chegariam para abastecer todas as fontes publicas de Barcellos.

O João do Buraco, tem os braços nus, cucabelladoz, a canisa aberta no peito; a vida luz-lhe nos olhos e os cobres na gaveta.

Toça a conversar, misturar na conversa quartilhos de carrascão, palheto e verde, embrulhando cada palavra com uma bucha de trigo e com castanhas cozidas ou assadas.

Ha baços de arripiar o nariz. Arrotos retumbantes.

Vomita-se no meio do cavaco, sobre os da suca, que é mesmo um regalo de porcarias e de fedôr.

O Rainha, na hospedaria do Adelino—prega tribunicia e consciosamente sobre uma mesa de pinho.

No Botas o Poveiro dizia:



## A LAGRIMA

—«Eu cá não estou p'ra subir, mas querendo, subo».

Quando tentou subir, *desceu* com todo o peso da embriaguez, de ventas a terra, e nunca se soube onde elle queria trepar.

O sarreiro Cagalufas, estava de ventre bambaleante, entusiasmado:

—«O Antonio da Roda, que vocês conhecem, é um homem de má *contradicç<sup>o</sup>*, se fosse meu parente por *infiridade* eu arrebitava-o.»

No Torres lu gente a granel. Amontoada. Reina entre ellas a confusão nos gestos em nenhum modo equívocos e desconjunctados; n'uma rabeça um cego, alumiado de repetidas libações, faz preludios arripiantes.

Saiem alguns typos cambaleantes para a rua.

O Pepino fuma chupando absorptivamente um cigarro apagado.

Seis individuos abraçam-se pela lei fiel de uma amizade nunca desmentida; no largo da Camara formam a mesma rede de passos e o mesmo tecido de bordos largos de um ao outro extremo do caminho.

Um noctivago, avinhado até aos calcanhares, conversa com uma parede.

O Fitas agarrado ao marco postal do Campo da Feira, diz:

—«O' *quetoso* tu vens d'ahi ou não vens?»

—«O' Clemente, dizia no Campo de S. José o Nabiça, deixa-me largueza, doixa-me caminho, com um milhão... de seisentas pipas; senão racho-te de meio a meio, patife». E fazendo-se direito a uma junta de bois apostos a um carro de estrume, pespega-lhe um forte murro. Os bois fogem espavoridos. O Nabiça *resona* umas palavras impercebíveis, enquanto o dono berra desesperado.

Um homem casado encontrou a mulher socegada na cama, dormindo; dá-lhe dois sóceos:

—«Sua desenvergonhada: Você não sabo ir para casa accommodar os pequenos, que estão a berrar com fome e você toda *bebada*. Vá lá a gente casar com um estafermo d'estes!»

No Campo de D. Carlos, um magoto de borchões, prenderam-se—n'uma grande *zaragata*—uns aos outros, ficando por esta fórma todos soltos.

Na Beata ha 28 pessoas, contadas a dedo incerto.

Um mordomo da confraria de S. Martinho, dizia:

—«O' tul, não poderamos comer carne de rãs á sexta-feira? Ando cá a malucar n'isto, homem.»

Responde outro:

—«Se tens bulla, podes, quem te pega?»

Dizia, ainda outro:

—«Oñ aquelle, mas a rã no charco é peixe, e nas ribanceiras é carne, logo é bem de ver que é força distinguir-se...»

Ha quem se intrometta:

—«Está bem de ver que é peixe e carne, e consoante assim se póde ou não póde comer.»

\*

Dia de S. Martinho, fôste de alegria para aquelles que se apaixonam pela pinga e o seu crime é unicamente beber.

A todos os nossos *assignantes que pagam bem*, fazemos votos por que contem muitos S. Martinhos, na companhia de quem mais desejarem.

\*

Já escriptas estas notas, regressavamos a casa, entre as 10 e as 11, quando se nos deparou o Botas, muito alegre, com duas garrafas de branco na mão:

—«Et jumentuto meia, meu *burro*.»

E o Chucho a rir-se d'estas cousas.

O Paes de Faria que tem andado a ler as obras de Ponson du Terrail, tambem ha dias pegou do livro de «Leituras Instructivas» que se usa nas escolas primarias.

N'esse livro deparou-se-lhe o seguinte periodo:

*Os corpos existem na natureza sob tres formas diferentes—Solidos, liquidos e gazozos.*

Este nosso amigo, que pesa aquillo que lê, pensou, como é que os corpos podem ser liquidos e gazozos. Solidos sabia elle que existem, porque o d'elle está positivamente solido. Agora corpo gazozo!

Tira-se dos seus cuidados e dirigiu-se á pharmacia «Lamella» com o fim de pedir explicação d'aquelle enygma de physica. Entrou, pois, na pharmacia e perguntou se os corpos gazozos eram os que estavam em pó. Por acaso estava o praticante da pharmacia que respondeu ao dislate do Faria:

—«Olha grande palerma, corpos gazozos são os que andam no ar.

Nova confusão do Paes de Faria.

### Notas Diversas

Qualidades apreciaveis no Zurato:

Ter um cofre de ferro para... guardar roupa.

Possuir um cão—na epoca banear d'Apulia

—para fazer com elle *touradas*.

Estar ha mais de cinco mezes em Barcellos para commerciar em vinhos e sómente ter comprado meia pipa d'esse liquido.

Soffrer resignado a tutoria de certa pessoa, que não o deixa frequentar tabernas, nem *cafés*.

Demonstrar-se caçador d'alto cothurno, evidenciando isso no convite feito para um passeio ás perdizes a Espozende, por elle acceito, apresentando-se, então, de jaquetão simples, chapéu á Mazantini, mãos no bolso... para entrar no carro que o devia conduzir ao pon-

## A LAGRIMA

to da diversão, e vir no dia seguinte dizer que tinha morto tantas e quantas peças de caçal... *naturalmente—o burro.*

\* O Ferreira, que já vê dos olhos, veio despedir-se de nós, chorando 69 lagrimas de *solidade* por esta terra que o viu nascer.

Foi para Vianna e consola-se todo em dizer que deita tombas n'uma officina proximo á casa do ministro Espregueira.

O nosso amigo não quiz ir para aquella cidade, sem se certificar se o mundo, effectivamente, acabava.

De astronomia disse pescar. Simplesmente não apontava para as estrella, com o receio de que lhe nascessem cravos nos dêdos.

—«Astrogonomo, affirmava elle, é um clarão que apparece. E o mundo faz um seculo p'ro dia de anno novo ou p'ro outro.»

Tão sympathico patricio encarrega-nos de sermos interpretes de seu agradecimento aos cavalheiros que procuraram saber do seu estado de saude e se foram despedir de s. ex.<sup>a</sup> á estação do caminho de ferro.

Nota final—o Ferreira não sabe se é de barro como um penico, ou de carne como um *gimento*»

\* Uma das cousas que muito distinguiam a intelligencia do sr. Serra Monicreca, era a graça com que elle dizia na aula, quando pequeno:

—«Sê professor, dá licença de ir lá dentro?»

\* O Trinta-Reis promette brevemente vender peixe a pataco.

\* A creada do vendeiro Estanislau prendeu n'outro dia um pedreiro, que já foi distribuidor de correio supranumerario, por elle não pagar uma conta. A tasca fica situada no largo José Novaes, no antigo theatro do Gymnasio e era um gosto ver o *gajo*, de cabeça fóra d'um caixilho sem vidro, d'uma vidraça que fica proximo do corrimão da escada que dá ingresso á adeia, a pedir, choramigando, ao carcereiro, que lhe desse carta d'alforria, que lhe conseguisse a liberdade—pagando o calote.

A resposta era o bonito:

—«O sr. Antonio Gonçalves, diz que não está cá...»

\* A Maricas Granja pede-nos que não fallemos de sua pessoa e bens. Attendido, attento o bom comportamento da ré.

\* O Bernardino Zilo—segundo nos pede para declarar o bom amigo Paulo da Silva—não exhibe no proximo anno, em a festa do S.S. Coração de Jesus, aquellas *campainhudas* do costume.

Agora vae levar para o côro um carrilhão de inos immenso como o de Mafra.

\* O nosso amigo João de Faria Azevedo tem marcado que teve a habilidade de comer outro dia perto de dous arrateis de figos de

ceira e estar ás portas da morte—até ja via o Diabo no inferno—com uma endiabrada indigestão.

Passa fóra guloso.

Não confundir, o rapaz tem um dente queixal ao direito do nariz—que lhe *falta*.

\* Offerece-se esta advinha ao João Candido:

«Pelludo por fóra,

Pelludo por dentro

Alça-lhe a perna

Mette-lh'o dentro.»

Resposta momentanea do nosso amigo: «E' um almofariz.»

\* As senhoras de Barcellos terminaram o seu costume de se beijarem dentro da igreja, no fim da missa das 11.

\* O sr. Byscaia vae sair com umas *janeyras* na vespera do dia de Natal.

\* O Rubim já não bebe vinho verde com asucar.

\* Aquillo é que é fino o Francisco Pegas. Nasceu muito depois do pae e já lhe come dinheiro com a supposta ideia de arranjar licença militar, que propositamente não consegue.

O selleiro Manuel Silva, pediu-nos que dessemos uma forte *corrida*, a seu bel'prazer, no guardasoleiro Portella, isto, simplesmente, por este sr. vender alguns artigos de seu ramo de negocio.

Como é do reino do ceu, onde a sua voz não chega, rimo'-nos do disparatado, porque comprehendemos que simplesmente—por traz da cortina—queria que colbessemos a inimidade do sr. Portella, para darmos larga aquillo que o tal Silva (ou Silvedo) possui em alto grau e por ahí se chama *vaiava*.

Como, mesmo a rir—dos asnos e das asneiras—não gostamos de ser esupido e malvolo instrumento dos que julgam que o mundo é pequeno para si? que fez o Silvedo? Tendo distribuido o sr. Portella uns prospectos, annunciando artigos de sua casa, sem por isso pagar (devi lo a natural ignorancia) o respectivo selo, accusa-o á Fazenda afim de lhe ser applicada a multa de 35000 réis, de cuja quantia *lucra* 750!...

Pedimos aos nossos leitores que evitem lucros ao Silva, Silvedo ou Matagal (bravo).

\*

? Qual a razão por que não foi applicada a mesma lei ao dito Silva, em razão de elle não ter sellado o annuncio do seu estabelecimento, e se via á porta, de sua casa—que, até por signal, da fórmula como estavam dispostos os dizeres e um burro, colorido, os transeuntes não sabiam quem era o selleiro, se o animal irracional, se o racional, dono das albardas?